Viagem à ilha (des)conhecida

Conceição Flores

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FLORES, C. Viagem à ilha (des)conhecida. In: MEDEIROS, A., org. *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 29-39. ISBN 9788578792794. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Viagem à ilha (des)conhecida

Conceição Flores

Quando “o homem sonha, a obra nasce” (PESSOA, 1998, p. 78). O homem que sonha é o Infante D. Henrique, o primeiro a mandar que se encontrem terras desconhecidas. A “obra” que então se inicia é a do descobrimento de novos caminhos e terras. Para essa empreitada, “Fosse a hora que haver ou a que havia/ A mão que ao Occidente o véu rasgou,/ Foi a alma a Sciencia e o corpo a Ousadia/ Da mão que desvendou” (PESSOA, 1998, p. 80). Assim, Portugal, pioneiro das grandes navegações, dá início ao seu mais audacioso projeto: os descobrimentos portugueses.

Os navegadores foram singrando por mares nunca dantes navegados “de ilha em continente, [...] até o fim do mundo”, (*idem*), construindo uma epopeia marítima que Luís de Camões, em 1572, celebrará em *Os Lusíadas*. Herói individual dessa epopeia é Vasco da Gama, filho segundo, portanto sem direito a título e fortuna. Para seu irmão Paulo da Gama, o primogênito, título, fortuna e

proteção. Vasco da Gama escolhe a aventura dos mares. Desempenha, com sucesso, várias missões confiadas por D João II, o Príncipe Perfeito. Com a morte do rei, sobe ao trono D. Manuel, que convida Paulo da Gama para comandar a esquadra que partirá para as Índias. Doente, este declina do convite.

A 7 de julho de 1497, o rei, que haverá de se chamar O Venturoso, entrega o comando da esquadra a Vasco da Gama. No dia seguinte, após missa em Belém, é preparada a partida das naus: S. Gabriel, a capitânia; S. Rafael, sob o comando de Paulo da Gama; Bérrio, comandada por Nicolau Coelho.

Em novembro, após um temporal assustador: “Os deuses da tormenta e os gigantes da terra/ Suspendem de repente o ódio da sua guerra” (1998, p. 81) e as naus ultrapassam o Adamastor que se rende ao argonauta português. Em 20 de maio de 1498, chegam à Índia, a Calecute. Agora, o “Mar [é] Português” (*idem, ibidem*, p. 82).

Pelo feito, Vasco da Gama recebeu honras e fortuna e inscreveu seu nome na história de Portugal. Para assinalar os 500 anos de tão importante proeza, Portugal realizou a EXPO '98¹. Inaugurada em 22 de maio, para assinalar o

1 Exposição Mundial, Exposição Universal, Feira Mundial ou simplesmente Expo, são nomes dados a grandes exposições públicas realizadas em diferentes partes do mundo. A primeira foi idealizada pelo Príncipe Albert, marido da Rainha Vitória, e realizou-se, em 1851, em Londres. Intitulada “Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações”, celebrou a revolução industrial, a era da máquina a vapor, invento de que a Inglaterra foi pioneira. Algumas cidades já realizaram a Expo diversas vezes, caso de Paris, que já sediou 6 vezes, e cujo monumento símbolo, a Torre Eiffel, foi construído para a Expo de 1889, que assinalou o primeiro centenário da Revolução Francesa.

dia em que os portugueses desembarcaram em Calecute, a exposição teve como tema “Os oceanos: um património para o futuro”.

O tema dos oceanos foi abordado sob diversas perspectivas, entre elas a da inspiração artística que o mar tem sido para poetas e escritores. Assim, alguns escritores foram convidados a escrever sobre essa temática, entre eles, Saramago. Desse convite resultou *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, cuja primeira edição foi publicada em 1997, pela Assírio & Alvim, numa coleção intitulada Cadernos do Pavilhão de Portugal. Posteriormente, o conto, uma pequena brochura de 39 páginas, ilustrada pelo artista plástico Bartolomeu dos Santos, passou a ser editado pela Caminho.

Para iniciar a leitura do conto, quero introduzir Camões e lembrar que a viagem de Vasco da Gama é o ponto de partida para o poeta celebrar os feitos gloriosos dos portugueses. A epopeia camoniana narra os feitos gloriosos dos portugueses porque era imperioso cantar que “em perigos e as guerras esforçados/ Mais que prometia a força humana/ Entre gente remota edificaram/ Novo reino que tanto sublimaram;” (CAMÕES, 1913, p. 3). Portugal era, então, “Onde a terra se acaba e o mar começa” (*idem*, p. 80).

Passados 5 séculos, em Portugal, “o mar acaba e a terra principia” (SARAMAGO, 1995, p. 11). Não há mais ilhas a ser descobertas, nem caminhos a ser desvendados. O passado que chegou até nós foi através dos textos que exaltaram as glórias de Portugal e construíram, como considera Eduardo Lourenço, “[...] a consciência nacional (nos que a podiam ter) que a nossa razão de ser, a raiz de toda

a esperança, *era o termos sido*” (grifos do autor, 1988, p. 22). O autor acrescenta: “E dessa ex-vida são *Os Lusíadas* a prova de fogo” (*idem*).

Assim, *O conto da ilha desconhecida* é a contraepopeia. A escolha de Saramago pela narrativa curta e em prosa reflete o tempo em que vivemos, um tempo em que a pressa é uma dominante, e onde não há mais grandes feitos a ser narrados. Este é o tempo das demandas existenciais, de olhar o futuro e construir um sonho de esperança. Por isso, as situações se invertem. Não há mais um rei a entregar uma tarefa ao navegador. Agora há apenas: “Um homem [que] foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco.” (SARAMAGO, 1999, p. 9)². O narrador afirma que “A casa do rei tinha muitas portas, mas aquela era a porta das petições” (p. 9). Esse rei, contudo, sempre se fazia de desentendido e só mandava atender à porta, quando o povo comentava o descaso. Além disso, as ordens desse rei não eram obedecidas de imediato, porque havia uma cadeia de intermediários que terminava na mulher da limpeza, a figura mais humilde dessa casa real. Essa mulher apenas entreabria a porta e perguntava ao suplicante, “pela frincha” da porta (SARAMAGO, 1999, p. 9), o que ele desejava. Iniciava-se, então, um processo de requerimento, que percorria todos os passos de uma ridícula burocracia, que terminava novamente na mulher da limpeza, que dava o despacho final conforme lhe apetecia. A cena burlesca que acabamos de descrever é elucidativa da paródia que se instala com o rebaixamento da figura real,

2 Doravante as citações referentes ao conto virão apenas indicadas pelo(s) número(s) da(s) página(s).

inversão que corresponde ao duplo paródico da representação arquetípica do rei.

O homem que bateu à porta do rei quer um barco, mas quer fazer o pedido pessoalmente ao rei. É insistente, deita-se em frente da porta, e diz que dali não sai até que o rei lhe atenda. Este, como de costume, estava na “porta dos obséquios” (p. 10), a “receber, contemplar e guardar os obséquios” (p. 11). Ironicamente, o rei não distribuía favores, recebia-os, sendo essa a tarefa a que ele se dedicava com mais afinco.

Passados três dias, o rei resolveu atender ao homem. Em vez de os rituais solenes da monarquia, a informalidade de uma audiência em que a mulher da limpeza é a figura central. O narrador conta-nos ser essa a primeira vez que o rei aparecia à “porta das petições” (p. 12). Vejamos o inusitado dessa “audiência”.

Repartido pois entre a curiosidade que não pudera reprimir e o desgosto de ver tanta gente junta, o rei, com o pior dos modos, perguntou três perguntas seguidas, Que é que queres, Por que foi que não disseste logo o que querias, Pensarás tu que eu não tenho mais que fazer, mas o homem só respondeu à primeira pergunta, Dá-me um barco, disse (SARAMAGO, 1999, p. 13).

A atitude do rei, o tom coloquial e trapalhão de sua fala mostram a ironia saramaguiana na desconstrução da imagem sacralizada de um monarca. A verve torrencial do rei se contrapõe à lacônica e objetiva resposta do homem que

veio pedir um barco para “ir à procura da ilha desconhecida” (p. 14). O rei que não tem um trono ali, está sentado na cadeira de palhinha usada pela mulher da limpeza para costurar as meias furadas. A inversão dos papéis continua, pois, enquanto o homem pacientemente aguarda a decisão do rei, este disfarça o riso, considerando estar perante um louco, uma vez que para ele “já não há ilhas desconhecidas” (p. 15). O homem, no entanto, contrapõe: “Simplesmente é impossível que não exista ilha desconhecida” (p. 15).

Em seguida, o diálogo travado entre o rei e o homem é elucidativo da inversão dos papéis. Enquanto se dá o rebaixamento paródico da figura real, patente na informalidade da fala, o homem dirige-se ao rei tratando-o por tu, atitude impensável num diálogo de um súdito. Vejamos um trecho que se inicia com a pergunta irônica do rei:

E vieste aqui para me pedires um barco,
Sim, vim aqui pedir-te um barco, E tu
quem és, para que eu to dê, E tu quem
és, para que eu to dê, E tu quem és, para
que não mo dês, Sou o rei deste reino, e
os barcos do reino pertencem-me todos,
Mais lhes pertencerás tu a eles do que
eles a ti, Que queres dizer, perguntou o
rei, inquieto, Que tu, sem eles, és nada, e
que eles, sem ti, poderão sempre navegar
(SARAMAGO, 1999, p. 15).

O tom autoritário do rei vai se desfazendo perante a perspicácia das respostas do homem. A audácia e inteligência do homem deixam exposta a fragilidade desse rei que, mesmo assim, continua aparentando prepotência, sem entender a transitoriedade do poder e a sua humana condição.

O rei diz ao homem: “E essa ilha desconhecida, se a encontrares, será para mim”, ao que este lhe responde: “A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas” (p. 15-6). Perante a resposta do homem, o rei diz que não lhe dará o barco, no que é logo rebatido pelo homem, que tem a seu favor o coro dos outros suplicantes, que esperavam ser atendidos, e ao qual se juntam as vozes das vizinhas do rei que, das janelas, assistiam à cena.

O prosaico dessa situação contrasta com as cenas da magnificência real e do protocolo da história de Portugal que guardamos na memória. Retomando os eventos históricos que narramos no início deste texto, vemos que o texto de Saramago se constrói na contramão daqueles. O compromisso do escritor não é com a “verdade histórica”, canonizada, distante do autor. O olhar crítico de Saramago repõe uma outra “verdade”, que se lança para o futuro. Não há mais em jogo o destino coletivo da nação, agora é tempo de cada um de nós sonhar e construir seu próprio destino.

Assim, o homem consegue que o rei lhe dê um barco e, quando o homem chega ao porto para receber o barco, há uma mulher que grita, apontando para um que parece uma caravela: “É o meu barco, é o meu barco” (p. 21). O homem não reconhece a mulher que lhe abriu a porta das petições, é preciso ela dizer quem é, mas logo a encarrega de tomar conta do barco. A escolha tinha sido dela e quando o homem lhe pergunta por quê, ela responde humildemente: “Desculpa, foi só porque gostei dele” (p. 23). O homem, então, comenta sabiamente: “Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira

de gostar” (SARAMAGO, 1999, p. 23), frase lapidar – aforismo – que revela uma verdade tão esquecida nos tempos atuais, em que o ter se sobrepõe ao ser.

Levinas (2005, p. 31) considera que “a posse é o modo pelo qual um ente, embora existindo, é parcialmente negado”, isto é, o ter transforma o ser em instrumento, em objeto, portanto, passível de ser consumido. Já o querer, o desejar e, por extensão, o gostar, é uma construção em devir que não se fecha no possuir.

O homem, na continuação do diálogo, diz à mulher: “Se não saís de ti, não chegas a saber quem és” (p. 27). Este aforismo, releitura da máxima cristã, “Ama ao próximo como a ti mesmo”, leva-nos a refletir sobre a questão da alteridade. É preciso aprender a sair de nós, a nos doarmos, para nos conhecermos. E era isso que estava a acontecer entre aquele homem e aquela mulher. A mulher disse para o homem: “É realmente bonita a nossa caravela” (p. 30), numa demonstração de que ali começava a constituir-se uma sociedade. Levinas (2005, p. 45) entende que “A emoção que, na sociedade, funda uma sociedade senhora de todas as circunstâncias e detalhes é o amor”.

Naquela noite, à luz da lua, o homem reparou na mulher e viu que ela era bonita. E quando se foram deitar, cada um no seu beliche, o homem desejou que ela tivesse sonhos felizes. Mas quem vai sonhar a noite inteira é ele. Sonha que a sua caravela vai já no mar alto: é ele o comandante, os marinheiros descansam, há patos, coelhos e galinhas pela coberta, comendo milho; do porão, chega o barulho de bois, cavalos e burros; há também mulheres, tantas quantos os marinheiros. A mulher da limpeza não está lá,

decidiu ficar no cais; ele sonha que ela disse “já que só tens olhos para a ilha desconhecida, vou-me embora” (p. 35). O homem sabe que isso não é verdade e “os olhos dele andam a procurá-la e não a encontram” (p. 35-6).

Começa a chover e principiam a brotar plantas dos sacos de terra que há na coberta. O homem pergunta aos marinheiros se avistam a ilha desconhecida, mas não há nenhuma ilha à vista e dizem não haver ilhas por conhecer. Indignado, o homem diz que eles não deveriam ter vindo, mas eles contrapõem: “Andávamos à procura de um sítio melhor para viver e resolvemos aproveitar a tua viagem” (p. 37). Não são marinheiros, são os portugueses da diáspora, dispersos pelo mundo, que partiram em busca de oportunidades. Aquela caravela mais parece um barco de emigrantes e, quando enxergam uma ilha, o homem leva a caravela até ao porto. Os homens, as mulheres e os animais saem, apenas ficam “as árvores, os trigos e as flores [...] a coberta era toda ela como um campo lavrado e semeado” (Levinas, 2005, p. 38).

A caravela agora é um novo Éden e aquele o casal primordial. Quando acordaram, ele estava “abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos, confundidos os beliches” (p. 39). E, quando o dia nasce, o homem e a mulher foram pintar na proa da caravela o nome “A Ilha Desconhecida [que] fez-se enfim ao mar à procura de si mesma” (p. 39). Uma nova Ilha dos Amores passava a existir pela vontade daquele casal.

O conto de Saramago é um canto de esperança e otimismo. “Escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1993, p. 225), ficcionalizando uma história possível, foi

um procedimento recorrente nas obras saramaguianas desde *Levantado do chão* (1980) até a *História do cerco de Lisboa* (1989), retomada depois neste conto. O diálogo que Saramago estabelece com a história de Portugal relativiza o passado, problematiza acontecimentos canonizados, num diálogo democrático com a tradição. Agora, os heróis não são mais reis, nobres ou navegadores, agora é a vez do povo português que busca a sua “Ilha desconhecida”, a busca de si mesmo, de seus sonhos e esperanças.

Nos Açores, a minha terra natal, conta-se que existiam 10 ilhas. A décima ilha encantou-se, é uma ilha desconhecida. Mas cada açoriano que deixa os Açores parte em busca dessa ilha. Hoje essas ilhas se multiplicam pelo Brasil, Estados Unidos, Canadá, e tantos outros lugares mundo afora. Essa travessia que nós fazemos é a busca pela “ilha desconhecida”.

Assim, passados 500 anos do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, Saramago não poderia mais celebrar o colonialismo português, as grandes “descobertas”. Esse momento foi celebrado por Camões em *Os Lusíadas*. Lá também encontramos a mítica ilha dos Amores, mas esta não decorreu sequer de um projeto dos navegantes. Não foi pedida, foi o prêmio para tanta ousadia. Esse não-lugar geraria uma nova raça. Para Saramago, a celebração teria que ser outra: a busca individual.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história.
In:_____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 222-232.
- CAMÕES, Luís de. **Lusíadas**. 3. ed. Coimbra: França Amado, 1913.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LOURENÇO, Eduardo. Psicanálise mítica do destino português. *In*:_____. **Labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1988, p. 15-64.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Caminho, 1995.
- _____. **O conto da ilha desconhecida**. Lisboa: Caminho, 1999.